

Ækakor

Æ Cidaeð Ðerdida

Sidélío Magalhães

Akakor

A Cidade Perdida

1ª edição

Belo Horizonte

Sidélío José Magalhães Silva

2020

Copyright © 2015 Sidélio MagalhãesAll rights reserved

Proibido a reprodução total ou parcial desta obra, salvo para efeito de divulgação ou resenha. Do contrário, os infratores serão processados na forma da lei. Os direitos autorais pertencem única e exclusivamente ao autor Sidélio Magalhães.

Notas do Autor

Todas as obras de arte, toda a arquitetura e todos os locais citados neste livro são reais. A organização chamada de Ordem de Vera Cruz é fictícia, embora os relatos históricos apontem para a veracidade dos fatos referentes às caravelas de Pedro Alvarez Cabral citados em algum momento desta obra. Não se sabe ao certo sobre a veracidade da existência da cidade de Akakor.

O capítulo 49 deste livro foi totalmente baseado nos relatos de Tatunca Nara ao escritor Karl Brugger que o leitor poderá encontrar no livro "A Crônica de Akakor" do mesmo autor. Veja referencias bibliográficas no final do livro.

"No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele e sem Ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam". João 1:1 - 5

Um agradecimento especial ao meu querido Bruno Vargas, por inspirar-me nos momentos de bloqueio.

Prólogo

Enquanto o avião taxiava a cidade do Rio de Janeiro, aguardando a autorização da torre de comando para pousar, o senhor Nakajima admirava as montanhas cariocas ao longe, com a cabeça a mil. Dr. Takshi Nakajima era famoso por seus conhecimentos sobre arqueologia. Graduado pela University of Sheffield da Inglaterra e mestre e doutor pelo Trinity College Dublin era japonês por nascimento e Brasileiro de coração. Cresceu na cidade de São Paulo onde se casou com Albertina de Albernaz e teve uma filha, Yurika Nakajima que lhe deu uma neta. Sua esposa era descendente de uma destacada família de cartógrafos cuja atividade se estendeu desde meados do século XVI até o fim do século XIX. A senhora Albernaz veio de uma família cercada de mistérios e lendas. Diziam até que sua família fazia parte de uma antiga seita, detentora de segredos milenares, o que fez com que Nakajima se aproximasse dela e mais tarde a desposasse. Albertina e Yurika morreram em um estranho acidente de carro o que fez com que Dr. Takshi, ainda enlutado, se dedicasse ainda mais aos estudos. Ele era aficionado por histórias e viajava pelo mundo em

busca de segredos e histórias antigas. Desde a morte de sua esposa e filha não voltava ao Brasil e o convite para participar do XI Congresso Internacional de Arqueologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro o empolgara.

“Tripulação preparar para o pouso”, a voz do piloto anunciou a descida. Takshi sentiu um frio na barriga. Olhou pela janela novamente e viu que negras nuvens prenunciavam uma forte chuva. *“Minhas palavras cairão mais fortes do que a tempestade que se aproxima”*, ele pensou. Durante anos sobrevoara aquela cidade, fazendo a ponte aérea Rio/São Paulo e por ironia, aquela cidade seria a primeira a conhecer a verdade. *“Vou jogar pedra num vespeiro”* ele pensava enquanto afivelava o cinto de segurança e retornava o encosto de sua poltrona. Havia feito uma descoberta e o congresso seria o lugar perfeito para ir a público levando consigo todo o conhecimento acerca da cidade perdida de Akakor. Quando fizesse isso, as pessoas colocariam em check as suas crenças, e isso é o que ele mais temia. Mexer com a fé do outro é como caçar sarna para se coçar. Estaria tocando em um assunto perigoso, pois o que estava prestes a revelar abalaria a estrutura de muitas religiões.

Vinha recebendo alguns telefonemas ameaçando a sua vida caso revelasse o que descobriu, mas o medo não o paralisou, era um cientista e como tal, não poderia se calar diante de suas descobertas. *"Ciência e religião são duas linguagens diferentes e não podem competir entre si. Cada macaco em seu galho"* ele pensava tentando se convencer de que tudo ficaria bem.

"Bem vindos à cidade do Rio de Janeiro, são 14:15h no horário local, estamos com previsão de chuva, então apressem o seu desembarque" a voz do piloto anunciou novamente após um pouso perfeito. Ao desembarcar, se esbarrou abruptamente em um homem trajando roupas clericais, fazendo com que seus pertences de mão voassem pelos ares, se esparramando pelo chão. O esbarrão foi rápido, mas Nakajima não pode deixar de ver o anel que o homem usava em seu dedo anelar esquerdo. O anel era grande e trazia, incrustado em ouro branco, a imagem de uma cruz vermelha sobre uma rosa, dentro de um círculo dourado. O homem olhou-o de cenho fechado e seguiu sem prestar-lhe ajuda com os objetos.

"Bem vindo ao Brasil" pensou o velho japonês.

Capítulo 1

Dr. Nakajima seguiu pelos corredores do aeroporto pensativo, empurrando um carrinho com uma mala de médio porte. O esbarrão que levara minutos antes fez seu ombro doer e a preocupação com a palestra que daria começava a refletir no estômago que queimava como se tivesse engolido uma brasa. Lembrou-se do estranho símbolo que vira no anel do indiano. *“Aquele símbolo, acho que já o vi em algum lugar... o que significa?”* ele se perguntava. Passou pela porta de saída e de longe viu alguém acenando.

_Bem vindo Dr. Nakajima, espero que tenha feito uma boa viagem – disse Saulo num carregado sotaque israelense.

Cerca de 20 anos antes, Saulo foi aluno do Dr. Nakajima quando fez um MBA na Universidade Lumière Lyon na França. Foi um aluno brilhante; era um bibliófilo insaciável e o seu interesse pelos códigos, cifras e linguagem dos símbolos fez dele um dos maiores simbologistas do mundo. Nakajima e Saulo haviam desenvolvido um elo entre aluno e professor que os manteve em

contato durante todos aqueles anos. Saulo era Judeu e além de simbologista, um conhecedor nato da cabala.

_Obrigado – respondeu Nakajima em um tom cortês -, mas deixemos as formalidades, somos amigos, e amigos não chamam um ao outro de doutor ou de outros títulos acadêmicos, não é mesmo?

Saulo sorriu discretamente, pegando o carrinho das mãos do velho amigo.

_Deixe que eu leve para o senhor – ele disse -, é por aqui.

Os dois seguiram em direção ao estacionamento do aeroporto. Ao se aproximarem de um pálio prata com aparência de velho, Saulo apertou o controle do alarme e as portas destravaram. Dr. Nakajima olhou sorridente.

_Belo carro – ele debochou.

Saulo sorriu sem graça.

_Com o salário que me pagam como professor neste país, isso é tudo que pude

comprar, além do mais o valor do aluguel nesta cidade está pela hora da morte – ele respondeu.

_ Nada mudou por aqui?

_ Muda-se os governos, mas não mudam a forma de governar. O comunismo está arraigado nesta nação e a população ainda não se deu conta. Quando assustarem já será tarde demais.

_ Triste momento para um país que tinha tudo para ser uma das maiores potências do mundo.

Saulo gargalhou.

_ Com esse governo medíocre? – ele disse – O país está prestes a se tornar outra Venezuela, isso sim.

_ Mas ouvi dizer que o novo presidente tem idéias conservadoras, e está disposto a colocar a casa em ordem.

_ É verdade, mas um presidente sozinho não tem poder para mudar uma nação. Ele não consegue governar sozinho, na verdade ele tem penado para que seus projetos sejam aprovados

pelo senado. São tempos difíceis, Doutor, são tempos difíceis.

Dr. Takshi entrou no carro em silêncio. Enquanto Saulo dirigia, Nakajima pensava no momento político/social que o Brasil vivia. Observava as ruas da cidade e não pode deixar de notar a quantidade de mendigos que viviam sob os viadutos. Há mais de vinte anos deixara o país e naquele tempo o Brasil estava em franco desenvolvimento. “*O que fizeram com essa pobre nação?*” ele se perguntava.

_Quais são as suas expectativas para o congresso, Doutor? – Saulo perguntou - Especula-se muito sobre o tema de sua palestra. Estão todos ansiosos para saber de suas recentes descobertas.

_Devo confessar que ainda estou meio tenso. Pensei muito se revelaria ao mundo o que descobri. Mexer com a fé dos outros é algo que sabemos ser complicado, mas parafraseando o grande mestre cristão “conhecereis a verdade e ela vos libertará”, então cá estou eu com a cabeça a mil e o estômago ardendo como brasa de tanta incerteza. E ainda as ameaças...

_Ameaças?

_Sim, tenho recebido ligações anônimas ameaçando me matar caso eu leve isso adiante, mas como um bom cientista que sou, não deixarei de revelar ao mundo o que descobri, mesmo que isso abale as suas estruturas e que custe a minha vida. Além do mais, muitas vezes as coisas que nos parecem verdades absolutas, tornam-se falsas quando colocamo-las no papel. A ciência serve justamente para isso, colocar em check as nossas verdades, não é mesmo? E você me conhece bem, nunca tive a limitação de quem apenas vive daquilo que faz sentido, pelo contrário, sempre corri atrás daquilo que para ninguém fazia sentido. Não acredito em verdades inventadas e nas histórias contadas de apenas um ponto de vista. Os segredos se escondem justamente nos pontos de vistas não contados.

Saulo sorriu, olhando-o de relance.

_O senhor é um sábio, Dr. Nakajima. Seus ensinamentos extrapolam os fatos científicos.

_E abalarão o mundo – o velho completou.

O carro seguia pelas ruas daquela cidade conhecida mundialmente como “Cidade Maravilhosa”. No rádio do veículo o locutor

entrevistava um político que, pelo discurso de ódio, era contra o atual presidente da república. Estava quente naquele dia, apesar das grossas nuvens que encobriam o céu. Saulo seguiu adiante em direção ao sul da cidade, contornando a exuberante Lagoa Rodrigo de Freitas, palco de inúmeros eventos esportivos do Rio de Janeiro. De lá Dr. Nakajima não pode deixar de notar ao longe a Pedra da Gávea e mais adiante, tentando se destacar no meio de nuvens baixas, o monumento mais famoso da cidade, o Cristo Retentor.

_Você sabia que esta região no passado foi habitada pelos índios Tamoios? – Dr. Nakajima perguntou, olhando para a lagoa. Ele nunca desperdiçava uma boa oportunidade para dar aulas de história.

_Sim, uma história triste, diga-se de passagem – Saulo respondeu, tentando sintonizar uma rádio onde o locutor não falasse tanta asneira. – Os pobres índios foram dizimados por Antônio Salema, o então governador da Capitania do Rio de Janeiro da época.

Dr. Nakajima sorriu.

_Às vezes me esqueço que você também conhece muito sobre história – disse o velho japonês.

_Conheço apenas aquilo que leio – Saulo respondeu sorrindo -, e esta história de que Antonio Salema espalhou roupas anteriormente usadas por doentes de varíola às margens da lagoa com a intenção de exterminar os índios é bem conhecida por aqui.

_O progresso às vezes exige sacrifícios – disse Nakajima.

_Concordo, mas exterminar seres humanos apenas para construir um engenho de açúcar foi uma atitude extrema demais, não acha?

_Nunca fui a favor de atitudes extremas, mas o governador precisava se ver livre dos índios, então aquela foi a saída encontrada por ele. Uma atitude desprovida de moral e ética para um governador dito cristão, mas neste país quem pensa em ética quando se quer o progresso, não é mesmo?

_Verdade. Uma das coisas que ainda não consegui lidar morando no Brasil foi com a falta de

ética de algumas pessoas. Aqui para tudo se dá um jeitinho.

_O famoso jeitinho brasileiro!

Os dois riram alto, enquanto o carro entrava na garagem de um prédio de apartamentos no bairro Ipanema.

Capítulo 2

Dom Antonio acordou cedo naquele dia, tomou banho como de costume e foi para a sala de seu apartamento que ficava no último andar de um prédio no bairro Nazaré, região nobre da cidade de Belém do Pará. Ele era um homem na casa dos oitenta anos de idade, do tipo cenho fechado e carrancudo; era um tradicionalista explícito e devoto, um ortodoxo que não aceitava a modernização das coisas da igreja. Além de arcebispo da região metropolitana era também o Grão Chanceler da Faculdade Católica de Belém. Thiago, seu assistente, arrumava a mesa do café da manhã com algumas comidas típicas da região. Antes de se assentar à mesa para tomar o seu café, Dom Antônio pegou um jornal que estava sobre a mesa e olhou pela janela

do apartamento. Lá de cima viam-se valiosas construções históricas da cidade que datavam do ciclo da borracha, em contraste a prédios residenciais e comerciais, construídos principalmente entre as décadas de 1960 e 1990. De lá ele viu as torres gêmeas da Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, um dos cartões postais da cidade e símbolo de uma das mais importantes festas religiosas do mundo, o cívrio de Nazaré. “*Nada acontece nesta terra onde o calor impera*” ele pensou enquanto corria os olhos nas manchetes do dia:

O Liberal

Sínodo da Amazônia aborda temas polêmicos para a igreja

Desde o último dia 06, a igreja católica realiza o sínodo da Amazônia, evento que reúne 250 participantes, dentre eles 184 bispos e 35 mulheres. A reunião de líderes católicos discute a situação da igreja na região amazônica bem como temas ligados ao meio ambiente e aos povos

indígenas. Temas polêmicos como a permissão de homens casados se ordenem padres e que mulheres comandem cerimônias religiosas também estão sendo debatidos neste sínodo...

UFRJ aposta no sucesso do XI Congresso de Arqueologia

Universidade Federal do Rio de Janeiro realiza nesta semana o XI Congresso de Arqueologia que terá como principal tema os povos antigos e sua influência sobre as civilizações. Temas polêmicos como a cidade perdida de Akakor e Atlântida serão tratados e seu principal palestrante o Dr. Takshi Nakajima promete fazer revelações que abalarão as estruturas de algumas religiões...

—O que está acontecendo com o mundo? — Dom Antônio perguntou, fechando o jornal e

jogando-o sobre a mesa. – Parece que as pessoas enlouqueceram. Papa Francisco é um modernista. Onde já se viu, mulheres celebrarem missa? Ele vai acabar transformando a igreja católica como os protestantes fizeram há séculos atrás. Você se lembra que em 2017 ele participou da celebração dos 500 anos da reforma protestante durante sua visita à Suécia? Agora esta idéia maluca de uma cosmovisão com acenos a mitos e rituais evocando a "mãe natureza", ecoteologia, cultura indígena e ministério sacerdotal, com a possibilidade de ordenar padres casados; sem dizer que esta cosmovisão dos povos indígenas é uma concepção materialista demais, semelhante ao marxismo e não é compatível com a doutrina cristã.

_O senhor tem razão, às vezes acho que o papa está decidido a acabar com a igreja como a conhecemos – Thiago concordou.

_E como se não bastasse a ousadia de Francisco, vem agora esse japonês do quinto dos invernos pretendendo desenterrar a história de Akakor. Alguém precisa dar um basta em tudo isso!

_O papa Francisco tem sofrido duras críticas pelo mundo, senhor – disse Thiago colocando alguns pães sobre a mesa -, alguns cardeais alemães até pediram ao papa esclarecimentos sobre temas controversos da exortação apostólica “Amoris Laetitia”, escrita por ele e na qual alguns intérpretes vêem a possibilidade de comunhão para católicos divorciados que estão em uma nova união civil. Em suas críticas eles usaram termos como heresia, estupidez e apostasia para se referir a trechos do documento que orientam o Sínodo para a Amazônia.

_Pois fazem eles muito bem. Papa Francisco está passando dos limites. Este sínodo preocupa até o governo que vê no movimento da Igreja uma suposta agenda de esquerda. O presidente chegou a dizer que este evento pode ameaçar "a soberania da Amazônia".

_E eles têm poder para isso, senhor.

_Papa Francisco e sua corja agindo em nome de Deus. Com estes aí, infelizmente não podemos fazer nada por enquanto, mas com o tal Dr. Takshi...,

_O que pretende fazer, eminência?

_Vou falar com o reitor da UFRJ, ele me deve alguns favores... é hora de me retribuir.

Capítulo 3

O celular sobre o criado mudo do quarto do Dr. Nakajima chamava com estardalhaço. O velho, ainda sonolento, esticou o pescoço em direção ao aparelho tentando identificar quem chamava, mas o número era desconhecido e pelo código de área ele viu que se tratava de uma chamada internacional. Ele acendeu o abajur que também estava sobre o criado e olhou o relógio em seu pulso. “*Mas quem pode ser?*” ele pensava. O telefone insistia e Nakajima sabia que àquela hora boa coisa não devia ser.

_Alô – ele disse atendendo a chamada. Uma chuva torrencial caía lá fora.

_Dr. Nakajima? – perguntou a voz do outro lado do celular.

_Sim, Nakajima falando, você sabe que horas são? – o velho respondeu bocejando.

_Ouça bem o que vou lhe dizer – a voz continuou -, eles não querem que o senhor apresente as suas descobertas sobre Akakor. Isso é perigoso demais para vir à tona.

_Quem está falando – interpelou o velho preocupado.

_Não importa, apenas ouça-me bem, não siga com essa idéia maluca adiante, ou sofrerá graves conseqüências. O senhor não imagina do que eles são capazes.

_Eles quem? Do que você está falando?

_O senhor foi avisado.

Antes mesmo que Dr. Nakajima dissesse mais alguma coisa, o telefone emitiu um som intermitente, sinalizando chamada terminada. O velho levantou-se e foi ao banheiro. Jogou água em seu rosto e encarou-se no espelho. Seu estômago queimava como se tivesse engolido dezenas de pimenta de uma só vez. Uma luz forte brilhou na janela do banheiro e em seguida o forte som de um trovão o sobressaltou. “*Seja o que*

Deus quiser. Tenho a obrigação moral de revelar ao mundo o que descobri. Não posso desistir agora”, ele pensava.

O dia amanheceu claro e ensolarado, e antes mesmo que Saulo o chamasse para o café da manhã, Dr. Nakajima já estava de pé, com o seu notebook aberto sobre a bancada da cozinha, lendo as últimas notícias. Uma xícara de café ao seu lado exalava uma fumaça quente com um suave aroma de café recém passado. Os olhos do velho corriam pelas notícias enquanto degustava a bebida quente:

Polícia confirma morte de duas pessoas em ataque terrorista de Londres.

Trump sanciona lei em apoio a manifestantes de Hong Kong; China reage.

Tribunal Eleitoral uruguaio dá vitória em eleições a Luis Lacalle Pou.

_Acordou cedo, doutor – disse Saulo aparecendo de repente na cozinha.

_Quase não dormi, meu estômago queima como brasa. E aquela chuva...

_Choveu bastante, a muito não via uma chuva tão forte nesta cidade. E não deveria tomar café, isso aumenta ainda mais a acidez de seu estômago.

_E você acha mesmo que deixaria de apreciar esta bebida dos deuses? Lugar nenhum do mundo tem um café como o brasileiro.

Os dois riram.

_Está tudo pronto para a sua palestra de hoje? – Saulo quis saber, mudando de assunto.

_Está sim. Tudo que preciso está aqui em meu notebook. Deixarei aqui alguns documentos importantes, mas desnecessários para minha apresentação.

_Estamos todos curiosos para saber o que tem a nos dizer sobre Akakor. São tantos mistérios envolvidos que às vezes chego a pensar se o senhor terá mesmo coragem de revelar ao mundo as suas descobertas.

Dr. Nakajima fechou o pequeno computador e olhou para Saulo desconfiado. "*O que ele sabe sobre minhas descobertas?*" ele se perguntou.

_Estou decidido a contar o que sei e nenhum tipo de ameaça irá me calar – ele disse resolutivo.

Saulo o encarou pensativo.

_Ameaça? – ele perguntou – Do que está falando?

_Recebi esta madrugada um estranho telefonema, mas nada que tenha me assustado – o velho respondeu, levantando-se. - Vou me arrumar e me concentrar para a palestra. Fiquei sabendo que a Universidade está promovendo uma exposição de arte em comemoração ao XI Congresso, é verdade?

_Sim. Uma bela exposição, diga-se de passagem. Tivemos a preocupação em trazer obras de artistas famosos que, de uma forma ou outra, contam a história do Brasil ou de momentos marcantes da história da arte, como Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Pedro Américo dentre

outros. Caso queira, podemos chegar mais cedo e visitar as obras.

_Ótimo! – disse o velho – Uma boa exposição de artes sempre me acalma o espírito e preciso mesmo ganhar fôlego para revelar as minhas descobertas, além do mais tenho um real interesse por uma das peças a serem expostas.

_E posso saber qual? – Saulo perguntou intrigado. O velho sorriu sem nada responder.

_Bom – disse Saulo -, preciso resolver algumas coisas antes de darmos início ao congresso, irei mais cedo para a Universidade, não é tarefa fácil ser um coordenador de curso.

_Sei bem como é isso – o velho respondeu.

– Podemos nos encontrar às 10 horas na porta da Capela de São Pedro de Alcântara, o que acha?

_Uma ótima idéia.

_Se lembra onde é?

_Eu me viro, não se preocupe.

Nakajima juntou as suas coisas e foi para o quarto. Faltando 15 minutos para as 10 horas, carregando consigo uma pasta e o seu notebook, ele saltava de um Uber, bem em frente às escadarias do portão principal do Palácio Universitário do Rio de Janeiro, uma construção no estilo neoclássico de grande valor histórico para o país. No passado aquela construção sediara o Hospício Pedro II, construído pelo imperador de mesmo nome que ainda aos 14 anos teve aquela construção como o seu primeiro ato como regente. A construção tornou-se Escola Politécnica que era oriunda da Real Academia de Artilharia no reinado da rainha portuguesa Dona Maria e mais tarde, em 1808 tornou-se Faculdade Nacional de Medicina, incorporando a partir daí outras escolas, como a de Direito, Belas Artes, Filosofia e outros importantes cursos que deram a ela em 1920 o título de Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dr. Nakajima subiu as escadas e ao entrar no edifício, se deparou com um elegante vestíbulo com piso ladrilhado de mármore, que antecedia uma escadaria de jacarandá escuro com uma bela clarabóia. Seguiu em frente, admirando a rica decoração onde se sobressaltavam pilares com capitéis dourados e teto de estuque. Ao alcançar o

salão nobre, olhou para cima, admirando o enorme lustre de formas arredondadas que davam um charme ao lugar. Seus olhos correram pelos murais que se encontravam nas laterais da grande sala. Lá estava o que ele procurava **“VI Bial e Exposição de Artes da EBA”**. Nakajima confirmou no mural o local da exposição e seguiu em frente. Aquele prédio tinha uma curiosa construção, a partir do eixo central, ele desenvolvia-se simetricamente em torno de seis pátios internos quadrados cercados, nos dois andares, por galerias revestidas com azulejos portugueses. A exposição de artes acontecia na galeria número três e então ele se dirigiu para a Capela de São Pedro de Alcântara, lugar onde por diversas vezes vira sua esposa rezando, enquanto o esperava finalizar as suas aulas, e onde marcara de encontrar o amigo. Saulo já o aguardava ansioso.

_Bem a tempo – disse Saulo olhando o relógio do visor de seu celular -, temos uma hora antes do início do Congresso. Poderá visitar a exposição sem maiores problemas.

Os dois seguiram adiante, passando entre estudantes e visitantes, até alcançarem a galeria

número três. Da porta da galeria alguns estudantes do curso de Belas Artes recepcionavam as pessoas que vinham visitar as obras.

_Bom dia, senhor – disse um rapaz sorridente ao Dr. Nakajima, entregando-lhe um portfólio -, seja bem vindo a VI Bienal e Exposição de Artes da EBA. Aqui está um explicativo sobre as obras expostas. Caso tenha alguma dúvida, teremos entre os visitantes alguns estudantes de artes para ajudá-lo. Eles estão usando camisetas vermelhas para fácil identificação. Fique a vontade.

Nakajima agradeceu e passou pelo rapaz olhando em volta. Pessoas de todas as idades circulavam por ali. Ele notou uma série de pontos de segurança, com uma boa quantidade de homens armados.

Saulo o seguia cumprimentando os alunos e as pessoas que se mostravam gentis. Nakajima olhava o portfólio buscando pelas obras prediletas.

_Temos duas obras de Tarsila do Amaral, quero vê-las – ele disse a Saulo.

_Estamos expondo também uma obra impar, pintada por Pedro Américo de Figueiredo e Melo. Acho que irá gostar de conhecer.

_Tenho certeza que sim, a famosa Batalha do Avaí retratada por Pedro Américo, tenho um especial interesse por esta obra.

_Ela está logo depois das obras de Tarsila, siga-me, sei onde está – Saulo respondeu, indicando o caminho.

Seguiram em meio ao amontoado de gente que por ali passava admirando as obras presas às paredes e lacradas à vácuo em caixas de vidro, evitando agentes oxidantes que pudessem danificá-las. De longe Nakajima viu algumas obras famosas de Di Cavalcanti. O Pierrete, a Mulata com Pássaros, Cavalos e Peixes, dentre outras obras, mas foi diante de Abaporu de Tarsila do Amaral que seus olhos brilharam. Abaporu é uma pintura a óleo feita em 1928 que retrata bem o período antropofágico do movimento modernista no Brasil. É uma das telas brasileiras mais valorizadas no mercado mundial das artes com valor estimado em US\$40 milhões de dólares, que foi emprestada para exposição pelo Museu de Arte Latino-americana de Buenos Aires. Outra obra que o

encantou foi A Cuca, uma tela também pintada por Tarsila em 1924 que reflete em cores a figura de um jacaré no meio do mato, com um sapo, um tatu e outro bicho que ela chamou de “esquisito”.

_Estranha figura, não? – perguntou Saulo diante da tela.

_Retrata bem o folclore brasileiro, não acha? – indagou Nakajima sorrindo. – Segundo a lenda, a Cuca é uma velha feia que tem forma de jacaré e que rouba as crianças desobedientes.

Saulo sorriu.

_Estranha maneira de intimidar uma criança – ele respondeu, os dois riram descontraídos.

As pessoas paravam diante das obras e faziam fotos de seus celulares. Um homem acompanhava de longe todos os passos do Dr. Nakajima e de Saulo. Ao se aproximar da tela de Pedro Américo de Figueiredo e Melo, Nakajima parou para admirá-la. Suas dimensões eram monumentais e dava para perceber que o artista não economizara tintas e projeção ao executar a obra. Batalha do Avaí foi pintada por Pedro Américo nos anos de 1874 a 1877 e retrata bem a guerra do Paraguai,

travada entre a tríplice aliança (brasileiros, argentinos e uruguaios) os quais lutaram lado a lado contra o exercito paraguaio. A tela magnífica, de mais de 60 m², é uma pintura celebrante da construção histórica do Brasil, no apogeu do 2º Reinado (1840-1889). Um bom estudioso da arte diria que aquele quadro é um exemplar do gênero pintura de batalhas e não foge às transformações da mentalidade que, ao longo do século XIX, esvaziaram o heroísmo sanguíneo e relegaram os grandes quadros históricos a ficções fabricantes de história. A tela reflete a nova tendência do gênero: ficcionaliza a guerra em suas incontáveis formas, não mais como apoteose da bravura, mas como o engolfamento de inúmeras micronarrativas, numa estrutura elíptica e helicoidal, que exala das bordas inferiores da tela e sobe num imenso redemoinho, cujo vórtice é o horizonte. No centro, à esquerda, entre a cúpula esfumaçada que se vai formando no céu e o fosso criado pela convergência das tropas aliadas, destacam-se os heróis em suas montarias: o Capitão de Mar-e-Guerra Luiz Pereira da Cunha, de binóculos, no cavalo negro; erguendo-se da sela, como se procurasse algo ou alguém de extrema importância no meio dos corpos que guerreavam;

no cavalo castanho, o Barão da Penha, e, entre os dois, o General Duque Caxias, plácido, sobre o corcel branco, formando uma trindade, apática, contrária à conflagração do terror. Os heróis, como os deuses que a imagem épica evoca, contemplando a fragilidade dos oponentes, impecáveis e inatingíveis, mas ofuscados pelo tumulto retratado e pelo cataclismo que os cerca, desprovendo-os de qualquer traço de heroísmo. Por todos os lados um dilúvio de sangue. Paradoxalmente, aos pés das figuras máximas que ocupam a faixa mais elevada da ocupação humana, encontram-se os adversários, agora suplicantes; a uma distância estratégica, as patentes assistem à anarquia no campo de batalha. O trio está retirado, destacado da totalidade furiosa, que arrebanha a todos os demais. A poucos metros dali, com os braços elevados com o chapéu nas alturas, sinalizando para alguém do outro lado, está o Marquês de Herval, profetizando a vitória sobre os inimigos.

_Período sangrento na história do Brasil – comentou Saulo fotografando a obra.

_Foi sim, e marcou o ápice e o declínio do império. Por isso mesmo Pedro Américo é

considerado um pintor republicano, embora ele tenha feito algumas obras para a família real.

_Pelo jeito o senhor não é bom somente em arqueologia, não é mesmo, doutor? – Saulo perguntou admirado – Tem conhecimento sobre história e a arte.

_A Arqueologia é muito mais do que o estudo de fósseis, artefatos e monumentos. Para a compreensão da cultura e modo de vida de um povo em determinada era, precisamos conhecer também a história mundial, e o que e como ela afetou a vida dos povos, além do mais meu mestrado foi sobre a colonização da América latina, conheço bem a história do Brasil no período colonial e pré-colonial.

Enquanto falava, Dr. Nakajima tirou de seu bolso uma lupa e aproximou-se da tela. Um segurança o interceptou.

_O senhor não pode ultrapassar o cordão de isolamento – disse ele rispidamente.

Saulo se aproximou e mostrou o crachá que o identificava como membro organizador da exposição. O guarda desculpou-se e se afastou,

permitindo que Dr. Nakajima se aproximasse. O velho colocou a lente sobre diversas partes da pintura, como se buscasse alguma coisa. Saulo o acompanhava com os olhos.

_O que procura, doutor? – ele quis saber.

Nakajima nada respondeu, limitando-se a vasculhar a obra. De repente, ao passar a lente sobre a figura de um homem segurando um chapéu, ele parou e disse:

_Aqui está ele, Manoel Luis Osório, também conhecido como Marquêss de Herval.

Nakajima examinou bem a figura, tirou do bolso o celular e fez uma série de fotos da parte interna do chapéu do general.

_Sabia que o General Osório foi o militar de maior prestígio no Prata na época da Guerra do Paraguai? – o velho perguntou sem esperar resposta – Ele tinha parentesco com João Teixeira Albernaz.

_Albernaz? – Saulo perguntou confuso – Como a sua falecida esposa?

Dr. Takshi não respondeu, limitando-se a conferir as fotos tiradas pelo celular.

— Pronto, já tenho o que eu precisava – disse o velho por fim.

Saulo o olhou confuso.

— Posso saber do que se trata? – ele perguntou.

— Saberá se assistir a minha palestra – respondeu o velho com um ar de satisfação.

Saulo conferiu as horas em seu celular.

— Bom, neste caso é melhor nos apressarmos, faltam quinze minutos para as onze, temos que ir para o auditório. Todos nos aguardam para o início das palestras.

Capítulo 4

Saulo e Dr. Nakajima seguiram em direção ao auditório Pedro Calmon, que ficava no segundo pavimento do Palácio Universitário. O homem que os observava minutos antes os seguiu. Ao chegar na entrada do auditório, Saulo tirou do bolso duas credenciais, pendurou a sua

em seu pescoço e entregou a outra para o amigo. **“Dr. Takshi Nakajima – Palestrante”** era o que se via em seu crachá. Estudantes em uma mesa próxima a entrada do auditório distribuía as credenciais e davam boas vidas aos congressistas do XI Congresso Internacional de Arqueologia da UFRJ. A movimentação era intensa, embora o auditório fosse um espaço pequeno para um evento de nível internacional. Os corredores estavam cheios, num vai e vem de estudantes, professores e visitantes. Um homem de meia idade cuja credencial pendurada ao pescoço identificava-o como **“Dr. Denner Wood – Palestrante”** aproximou-se de Nakajima estendendo-lhe a mão, e dando lhe um abraço amistoso.

_Dr. Nakajima, ser um prazer conhecer, I’m Dr. Wood; Denner Wood, acho que eu estar ao seu lado junto a mesa das apresentações de hoje – disse ele em um carregado sotaque americano.

Dr. Nakajima olhou-o desconfiado. Apesar de ter morado vários anos no Brasil, nunca se acostumou com contatos físicos mais próximos. Na tradição japonesa os cumprimentos são feitos com uma leve reverência e em seguida um respeitoso aperto de mão.

_Muito prazer - ele respondeu meio sem graça -, importantes trabalhos serão apresentados hoje, não é?

Denner sorriu, embora Dr. Takshi tenha notado uma sombra em seu olhar.

_Yes, verdade - Denner respondeu -, e principalmente o seu work about Akakor. Estamos todos curiosos para saber o que tem a dizer. Dizem que o senhor encontrar a cidade perdida, is it truth?

_Digamos que o que encontrei é mais importante do que a cidade em si.

_Really? E o que ser tão importante para so many mystery?

Saulo acenou de longe pedindo para que Nakajima se aproximasse.

_Bom, preciso ir, parece que os trabalhos já vão começar.

Dr. Takshi atravessou o corredor em direção a Saulo e parou para pegar um folder sobre os temas a serem apresentados no congresso. Procurou pelo nome Denner Wood e o trabalho que

ele apresentaria. Lá estava “**As Américas Pré-Coloniais**” – Palestrante: Dr. Denner Wood, Historiador e arqueólogo Americano formado pela George Washington University”. Enquanto Nakajima folheava o folder, Saulo dava as últimas orientações a um grupo de alunos da banca organizadora do evento. Um aluno que ajudava na distribuição do material aproximou-se de Nakajima e o encarou:

_Dr. Takshi Nakajima? – ele perguntou empolgado.

Takshi sorriu meio sem graça.

_Que honra conhecer o senhor – continuou o estudante estendendo-lhe as mãos -, seja muito bem vindo. Estamos ansiosos por sua palestra. Já li todos os seus livros, sou um grande admirador de seu trabalho. Posso tirar uma foto para postar em minhas redes sociais?

Antes que Dr. Takshi pudesse responder, o estudante já tinha sacado do bolso o celular e fazia uma série de fotos ao lado do velho professor. Nakajima nada disse limitando-se a observar a figura de um homem que retirava suas credenciais na mesa de recepções. Era impossível não notar aquela estranha figura. Um homem de pele

morena, usando um terno fora de moda e uma camisa de colarinho sujo, mas foi o grande anel que usava que mais chamou a atenção do velho japonês. O anel era feito de ouro branco e trazia a imagem de uma cruz vermelha sobre uma rosa, dentro de um círculo dourado. *“Já vi este anel antes”* ele pensou intrigado. O homem pegou o seu crachá e seguiu para o auditório, passando por Nakajima e olhando-o de relance.

O Auditório estava lotado, todas as janelas arqueadas ao seu entorno estavam fechadas para criar um ambiente propício às apresentações de multimídia que seriam usadas. O Homem procurou um lugar mais ao fundo para se sentar, e antes de tomar o seu assento, retirou um celular do bolso e fez uma ligação; se alguém pudesse observá-lo, veria que aquele homem agia de maneira suspeita. Seu coração batia descompassado e suas mãos tremiam como vara verde.

_Estou em posição – ele disse ao telefone.

_Espere o momento certo para agir – disse uma voz do outro lado da linha -, e procure manter a calma, não vá por tudo a perder. Lembrou-se da rosa?

_Sim, está comigo; a rosa e o anel.

_Ótimo! Tenha cuidado.

O homem desligou o celular e colocou-o no bolso com cuidado. Ele olhou em volta. Sentiu-se aliviado por não ver por ali os mesmos seguranças armados que minutos antes vira fazendo a ronda e a guarda da exposição de artes em outro anexo do prédio. Olhou para o anel que usava e o ajeitou em seu dedo; ele estava frouxo e quase não parava na posição correta; ele o beijou, como se aquele estranho objeto fosse algo sagrado e de alguma forma pudesse abençoá-lo. Sentou-se e começou a olhar em volta, estudando o ambiente. Os membros organizadores do congresso já tomavam os seus lugares junto à mesa sobre o palanquinho na outra extremidade do auditório. Os congressistas conversavam descontraidamente aguardando o início do evento. Vozes de dezenas de participantes zumbiam de expectativas, muitos dando telefonemas de ultima hora, outros tirando fotos e postando no instagram ou tweetando. O homem olhou a iluminação do lugar. Todo o auditório era rebaixado com sanca de gesso, e a iluminação de luz de led era toda embutida na sanca. Olhou para trás e viu que alguém lá do alto